

A PERMANÊNCIA DO DORMITÓRIO DA EMPREGADA NOS APARTAMENTOS: ESTUDO COMPARATIVO NAS DÉCADAS DE 1960 A 1990 EM MACEIÓ/AL

The permanence of the maid's room in the apartments: a comparative study in the decade of 1960 to 1990 in Maceió/AL

Jéssica Caroline Rodrigues de Lima¹, Alexandre Márcio Toledo¹

RESUMO: Morar nas cidades grandes representou uma transição lenta dos edifícios unifamiliares aos multifamiliares. As plantas iniciais dos apartamentos reproduziram a tripartição funcional da casa burguesa urbana e mantiveram a dependência completa de empregada, com acesso distinto pelo setor de serviço. A presença da empregada doméstica nas residências brasileiras constitui um fator cultural, sobretudo nas famílias nordestinas das classes média e alta. O objetivo do presente artigo é traçar uma trajetória da dependência de empregada nos edifícios de apartamentos construídos na cidade de Maceió, Estado de Alagoas, Brasil, nas décadas de 1960 a 1990. Utilizou-se como banco de dados pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (gEPA) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, que reúne 228 edifícios multifamiliares verticais de diversas tipologias. Observou-se que, nas décadas de 1960 e 1970, todos os apartamentos possuíam dependência de empregada, até mesmo os da tipologia de 02 dormitórios. Apenas na década de 1980, surgiram os apartamentos com o terceiro dormitório reversível, com indícios de flexibilização nas plantas. Na década de 1990, a dependência de empregada permanece somente nas tipologias de apartamentos de 3 e 4 dormitórios. Conclui-se que a presença da dependência de empregada prevaleceu sobre a oferta de apartamentos produzidos nas quatro décadas analisadas, sobretudo nas tipologias de 3 e 4 dormitórios; e que as mudanças anunciadas pela legislação trabalhista de 1988 não alteraram de maneira significativa os hábitos de morar das famílias alagoanas de renda mais elevada.

PALAVRAS-CHAVE: Dependência de empregada; Edifício multifamiliar; Dormitório reversível; Tipologias de apartamentos.

ABSTRACT: Living in the big cities represented a slow transition from single-family to multi-family buildings. The initial plans of the apartments reproduced the functional tripartition of the urban bourgeois house and maintained the complete dependence of maid, with distinct access by the service sector. The presence of the domestic maid in Brazilian households is a cultural factor, especially in the Northeastern families of the middle and upper classes. The purpose of this article is to trace a trajectory of the maid's dependence on apartment buildings constructed in the city of Maceió, State of Alagoas, Brazil, in the 1960s to 1990s. It was used as a database the research done by the Group of Studies in Architecture Project (gEPA) of the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Alagoas, which comprises 228 vertical multifamily buildings of various typologies. It was observed that, in the 1960s and 1970s, all the apartments had the maid's room, even those of the typology of 02 dormitories. Only in the 1980s did the apartments with the third reversible dormitory appear, with signs of flexibilization in the plants. In the 1990s, the maid's room remains only in the typologies of 3 and 4 bedrooms apartments. It was concluded that the presence of the employee's room prevailed over the offer of apartments produced in the four decades analyzed, mainly in the typologies of 3 and 4 dormitories; and that the changes announced by the 1988 labor legislation did not significantly change the living habits of the higher income Alagoanas families.

KEYWORDS: Maid's room; Multifamily Buildings; Reversible Dormitory; Apartment Typologies.

¹ Universidade Federal de Alagoas - UFAL

How to cite this article:

LIMA, J. C. R.; TOLEDO, A. M. A permanência do dormitório da empregada nos apartamentos: estudo comparativo nas décadas de 1960 a 1990 em Maceió/AL. **Gestão e Tecnologia de Projetos**, São Carlos, v.13, n.3, p.79-96, dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.11606/gtp.v13i3.145099>

Fonte de financiamento:

CAPES

Conflito de interesse:

Declara não haver

Submetido em: 06/04/2018

Aceito em: 27/07/2018



INTRODUÇÃO

Dentre as diversas transformações que marcaram a conformação do espaço doméstico, as mudanças ocorridas nos ambientes do setor de serviços – cozinha, lavanderia, quarto e banheiro de empregada – foram, sem dúvida, as mais significativas. De local sujo e braçal, excluído do corpo principal da casa no século XIX, a espaço limpo, claro, e, sobretudo tecnológico, propagado pela mídia como uma verdadeira vitrine da indústria de eletrodomésticos no século XX, o setor de serviços sempre exerceu forte influência sobre a rotina doméstica de seus usuários (HOMEM, 1990).

Atualmente, com a maior proliferação de edifícios de apartamentos nas metrópoles e cidades médias brasileiras e a consolidação desta tipologia habitacional como importante opção de moradia, tanto para as camadas sociais mais baixas quanto para as médias e altas, novas modificações passam a ocorrer tanto nos hábitos familiares, quanto no desenho do setor de serviço dos apartamentos. Conforme Bittar e Veríssimo (1999) foi com o surgimento das habitações multifamiliares verticais, que os ambientes de serviço atingiram dimensões mínimas e racionalização máxima, além de serem sempre dispostos nos locais menos confortáveis e de maior insolação da unidade habitacional.

Nesse contexto, destaca-se a dependência de empregada como o elemento mais controverso da moradia brasileira. Reduzidas ao extremo e escondidas dos olhos dos moradores e visitantes, por meio de uma configuração que promove o seu isolamento dos demais setores da habitação, este ambiente carrega uma forte carga simbólica vinculada à lógica de pensamento escravocrata do período colonial anterior e à estratificação social que marcou a construção da sociedade brasileira (MELLO, 2012).

As raízes do trabalho doméstico no sistema escravocrata e na divisão sexual do trabalho reforçaram a invisibilidade e o desprestígio social desta atividade; aspectos que se refletiram no planejamento dos espaços da habitação ao longo de sua transformação. Ainda segundo Bittar e Veríssimo (1999), a dependência de empregada constitui herança das edículas do século XIX – construções situadas nos fundos dos lotes das residências e ocupadas por escravos. Após a abolição da escravatura, esse ambiente sofreu significativas transformações, uma vez que a mão-de-obra doméstica assalariada, agora também composta por mulheres brancas, passou a exigir melhores acomodações. Com isso, a empregada assalariada ganhou acomodações decentes, dormitório e banheiro, não mais dormindo em porões abafados e úmidos (LEMOS, 1978).

Segundo Pinheiro (2008), os primeiros edifícios residenciais verticais voltados ao público de renda alta, lançados nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940, apresentaram dependências de empregada situadas no último pavimento do edifício – solução possivelmente inspirada nos andares de *chambres-de-bonne* parisienses, em geral situados nas mansardas. Essas primeiras dependências de empregadas brasileiras eram muito desfavorecidas dos aspectos climáticos: muito frias no inverno e muito quentes no verão, como no edifício Regência, em São Paulo, e nos edifícios Biarritz e Seabra, no Flamengo, no Rio de Janeiro (VANINI, 2016).

Já no edifício Esther, em São Paulo (1936), a solução encontrada foi uma área de serviço coletiva com tanque a cada quatro apartamentos. Todos os apartamentos que possuíam tanque dispunham de banheiro e dormitório de empregada (VILLA, 2002). Os quartinhos de empregada somente adentraram o interior do setor de serviço dos apartamentos a partir do lançamento dos edifícios voltados para a classe de renda média, o que ocorreu a partir dos anos de 1940. Neste período, já é possível observar a presença de elevadores de serviço e portaria separada nos projetos dos edifícios (VANINI, 2016).

A presença do quarto de empregada em projetos de plantas de casas e apartamentos europeus consiste em situação atípica. Na obra alemã *Grundribatlas* (SCHNEIDER, 2006), cuja análise se debruça sobre uma amostra de 140 exemplares de plantas de projetos residenciais produzidos ao longo de mais de 30 anos; não se observa o emprego da dependência de

empregada em nenhum dos casos.

A escassa aparição de dormitórios de serviço em residências europeias possivelmente apresenta relação com as transformações ocorridas no trabalho doméstico desde o final do século XIX, quando, por exemplo, o aumento da escolaridade das meninas britânicas reduziu o número de moças pobres disponíveis para este serviço; como também no período da Primeira Guerra Mundial, quando milhares de mulheres foram trabalhar nas fábricas inglesas, e não retornaram ao serviço doméstico (CORONATO et al, 2012). Villa (2002) discorre também como a partir da década de 1910 na França, a falta de pessoal doméstico qualificado e a diminuição da área dos apartamentos promoveu o desaparecimento dos quartos de empregados, antes situados no último andar dos edifícios e limitados a um ou no máximo dois pequenos quartos contíguos à cozinha.

Como exceção a esta realidade, destaca-se a Turquia, cujos projetos de apartamentos residenciais sofreram grande influência da arquitetura modernista brasileira, e que aderiram ao quarto de empregada e às duas entradas, social e de serviço. Segundo Meltem (2012), o quarto de empregada consistia num recurso típico de apartamentos voltados à elite turca desde 1920; no entanto, foi a partir da sua inserção em conjuntos habitacionais construídos nas décadas de 1950 e 1960, como o Atakoy, concluído em 1962, e fortemente influenciado pelos projetos de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, que este se tornou um recurso desejável para as famílias de classe média e elemento padrão nos seus programas de necessidades.

Goussinsky (2018) salienta uma tendência recente de inclusão da dependência de empregada em plantas de apartamentos produzidos em Portugal, cuja intenção se baseia em atender às demandas de famílias brasileiras que para lá se mudam, e que hoje ocupam o terceiro lugar entre os estrangeiros que mais compram imóveis no país.

No Brasil, Brandão (2002) constatou a predominância da tipologia de três dormitórios com dependência de empregada, com base em 3.000 plantas de apartamentos, de empreendimentos lançados entre 1995 e 2000 de 50 cidades brasileiras, incluindo a maioria das capitais. As tipologias de três e quatro dormitórios geralmente apresentam a dependência de empregada, como observado por Villa (2002), em São Paulo – fruto de levantamento de 482 projetos de edifícios de apartamentos paulistanos, do período de 1910 a 2002, e em São Paulo e Ribeirão Preto (VILLA, 2008). O mesmo fenômeno se verificou em Maceió (MARINHO; TOLEDO; XAVIER, 2012; ALVES, 2012; BARBOSA; TOLEDO; SILVA, 2015; COUTINHO, 2016; SANTOS, 2017) – cidade que apresentou um processo de verticalização tardio, iniciado somente a partir da década de 1960 com o surgimento do primeiro edifício residencial multifamiliar em altura, e tendo este fenômeno se consolidado nas décadas de 1970 e 1980. Além disso, o primeiro código de edificações da cidade que trata de edifícios verticais foi implantado apenas em 1979; passando a contemplar itens específicos sobre edifícios multifamiliares em altura somente em 1985, quando o mesmo foi reformulado.

Em 2009, o curta-metragem “Recife Frio” de Kléber Mendonça Filho, trouxe uma crítica ao quarto de empregada ao retratar a conversão deste no cômodo mais confortável (e por isso disputado) de um apartamento situado à beira-mar e tomado pelo frio que se instalou em Recife. No entanto, foi com o sucesso de público e crítica do filme “Que horas ela volta” de Anna Muylaert em 2015 (ANGIOLILLO, 2015; ARAÚJO E LOPES, 2017; GUERRA, 2015, PEIRÃO, 2016), o qual aborda a relação entre patrão e empregada em uma família paulistana de classe alta, que novas discussões em torno deste ambiente ganharam maior espaço na mídia. Em 2017, destaca-se o episódio polêmico envolvendo um grupo de estudantes de arquitetura da UFMG, que se recusou a projetar uma residência de alto padrão contendo em seu programa de necessidades oito dependências de empregados, decorrente de atividade solicitada por uma disciplina de projeto ironicamente denominada “Casa Grande” (QUEIROGA, 2017).

Com base em um estudo etnográfico realizado no Rio de Janeiro, Donna Goldstein (2003) destaca como o “quartinho”, situado invariavelmente atrás

da cozinha e da lavanderia, o qual, em geral, não comporta mais do que uma pequena cama de solteiro, passou de moradia a espaço para uso apenas durante o dia; além de descrever o banheiro de serviço, em via de regra, como área diminuta que mal tem lugar para um chuveiro e um vaso sanitário. A autora também aborda como as informações subliminares contidas nas disposições dos espaços e nos dizeres dos seus pais, informam às crianças a distância social existente entre elas e as empregadas domésticas. Nesses ambientes de segregação pode ser colocado tudo que deve permanecer escondido para não desordenar a organização da casa, constituindo-se em verdadeiros “espaços de despejo”.

Ademais, questionamentos têm sido levantados sobre o uso e a atual necessidade da dependência de empregada, uma vez que tem sido cada vez menor a presença da empregada doméstica na residência contemporânea, sobretudo no período noturno. Haja visto que muitas dessas profissionais têm sido substituídas pelo serviço de diaristas para limpeza geral, pelas famílias de classe média.

Algumas hipóteses podem ser levantadas como possíveis razões para esta tendência, como o aumento dos valores pagos por esse serviço, decorrente da regulamentação dos direitos dos trabalhadores domésticos, garantidos com as alterações no artigo 7º da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), realizadas pela Emenda Constitucional nº 72, promulgada em 02 de abril 2013 (BRASIL, 1988), e que ficou conhecida no país como PEC das Domésticas; ou mesmo, em virtude da alteração do estilo de vida da família brasileira, que ao passar o dia inteiro fora de casa, e dispondo de uma cozinha e área de serviço cada vez mais equipadas com máquinas que realizam parte do trabalho doméstico, prefere não manter alguém de fora do ciclo familiar dentro da residência.

Para Coronato et al (2012), trata-se de uma mudança cultural, na qual um número crescente de brasileiros passa a se sentir desconfortável com o tipo de relação autoritária, paternalista, assistencialista e dependente cultivada com as empregadas ao longo das décadas anteriores, a qual se mostra invasiva para ambos os lados. Ademais, os autores preveem para os próximos anos uma tendência de transformação das diaristas brasileiras em “horistas”, ou seja, profissionais que trabalharão por hora e com isso poderão atender mais residências por dia, serviço este já habitual nos Estados Unidos e em países da Europa.

Mesmo nos casos de famílias que ainda convivem com a presença cotidiana da empregada doméstica, a existência de um dormitório exclusivo para o uso da mesma também passa a ser repensada, visto que são poucos os casos de empregadas que continuam a dormir no local de trabalho. Desse modo, novas funções começam a ser cogitadas para esse espaço, como por exemplo, extensão da área de serviços, despensa, depósito, ou até mesmo um novo dormitório para um dos familiares, escritório ou closet, configurando nesses últimos casos possivelmente o chamado dormitório reversível (TRAMONTANO; VILLA, 2000; XAVIER; TOLEDO, 2015; MORAIS, 2017).

Segundo Saleiro Filho (2001), para o morador, a dependência reversível de empregada possibilita a ampliação do espaço pessoal/ privado da família, por meio da introdução de um ambiente que poderia ser, setorialmente, segregado, mas que lhe dá a ilusão de estar acrescentando mais um compartimento à sua habitação. Em levantamento de 64 plantas de apartamentos de padrão médio, lançados entre outubro de 1999 a março de 2001, na capital do Rio de Janeiro, Saleiro Filho (2001) observou a predominância de edifícios contendo o quarto reversível (40 unid., 62,5%), resultado que demonstra a forte aderência desta solução de projeto pelo setor imobiliário da cidade.

Tendo em mente que a presença da empregada doméstica nas residências brasileiras constitui um fator cultural, sobretudo nas famílias nordestinas de renda média e alta, o presente artigo tem como objetivo traçar uma trajetória da dependência de empregada nos edifícios de apartamentos construídos na cidade de Maceió, das décadas de 1960 a 1990, visando melhor compreender os hábitos de morar de sua população e a oferta desse produto pelo mercado

imobiliário.

MÉTODO

Utilizou-se como banco de dados pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (gEPA/FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que conta com o levantamento sistematizado de todos os edifícios multifamiliares verticais altos (com mais de quatro pavimentos e elevador) construídos na cidade de Maceió até o ano de 1999; além de mais de 60 edifícios contemporâneos, contabilizando no total mais de 300 exemplares. O trabalho envolveu pesquisa quali-quantitativa, mediante análise das plantas de 228 edifícios verticais multifamiliares altos de diversas tipologias de apartamentos, construídos na cidade de Maceió, de 1964 até o ano de 1999 (Figura 1 e Tabela 1).

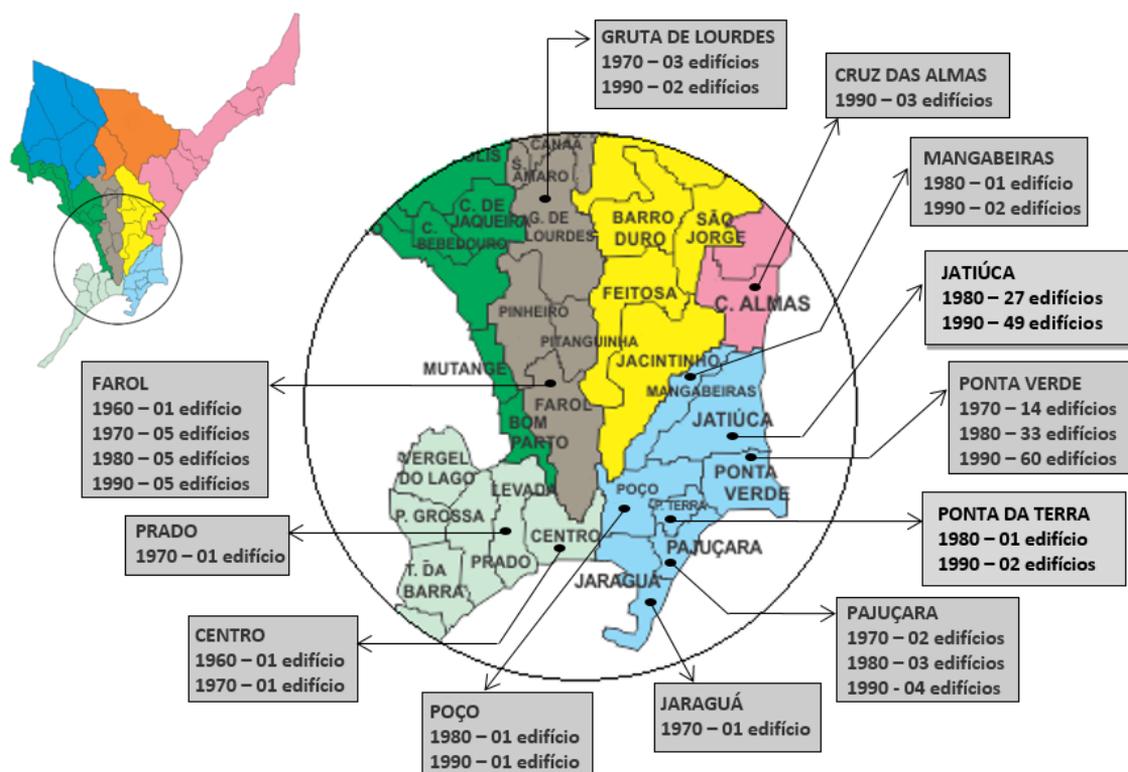


Figura 1: Detalhe do mapa de Maceió com a distribuição nos bairros dos 228 edifícios multifamiliares verticais construídos ao longo das décadas de 1960 a 1990

Fonte: Adaptado de gEPA (2018)

Segundo Alves (2012), até o final da década de 1970, a ocupação dos edifícios em altura em Maceió se concentrou nos bairros do Centro e Farol, com ocupação já consolidada pelas populações de renda média e alta. A valorização imobiliária dos bairros da orla marítima teve início apenas com as obras de urbanização realizadas no início da década de 1980, que deram nova feição a este trecho da cidade, preparando-o para explosão imobiliária e turística dos anos seguintes, marcada pela construção de grandes hotéis e pela introdução do primeiro Shopping Center da cidade.

A forte expansão urbanística da região aliada à aceitação cada vez maior do maceioense ao morar em apartamentos, estimulou a transferência de um

grande número de famílias residentes na parte alta da cidade para morar nos edifícios multifamiliares altos dos bairros da orla marítima (BARROS, 2010).

TIPOLOGIA	DÉCADA				TOTAL
	1960	1970	1980	1990	
1 DO	0	0	3	5	8
2 DO	0	0	1	9	10
2 DO + DE	1	2	4	0	7
2 DO + REV	0	0	15	28	43
3 DO	0	0	0	7	7
3 DO + DE	0	19	29	47	95
3 DO + REV	0	0	2	5	7
4 DO + DE	1	4	8	21	34
5 DO + DE	0	0	1	0	1
HÍBRIDO	0	0	0	4	4
HÍBRIDO + DE	0	2	7	2	11
HÍBRIDO + REV	0	0	1	0	1
TOTAL POR DÉCADA	2	27	71	128	228

LEGENDA: DO = dormitório, DE = dependência de empregada, VER = reversível, Híbrido = edifício com mais de uma tipologia de apt.

Tabela 1: Tipologias dos Edifícios Multifamiliares Altos de Maceió construídos nas décadas 1960 a 1990

Fonte: Dos autores

Durante as décadas de 1960 e 1970, identificou-se a construção de 29 edifícios multifamiliares verticais altos. Nesse período, a tipologia de 3 dormitórios prevaleceu no conjunto (19 unidades – 66%), seguida pela tipologia de 4 dormitórios (05 unidades – 17%), conforme Gráfico 1. A Categoria classificada como híbrida é composta por edifícios que possuem mais de uma tipologia de apartamentos no pavimento tipo (Figura 2).

Gráfico 1: Tipologias de edifícios verticais multifamiliares construídos em Maceió de 1964 a 1979

Fonte: Dos autores

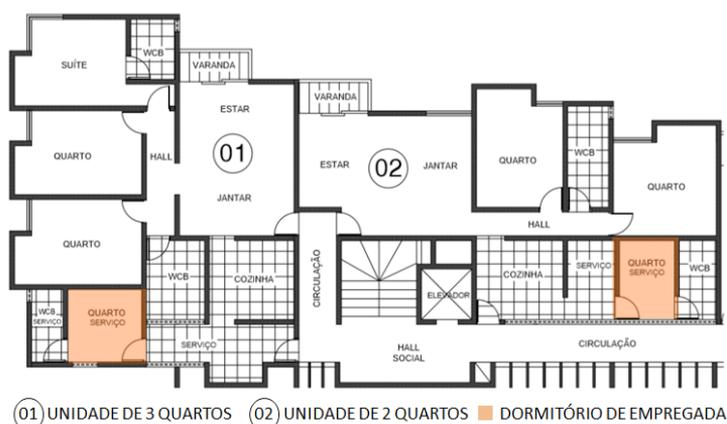
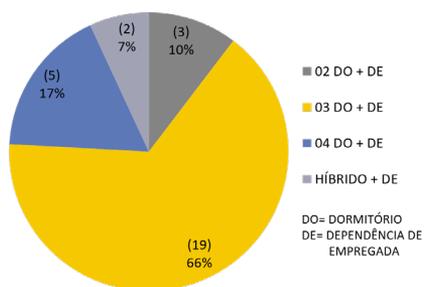


Figura 2: Planta baixa de Edifício de 1977, exemplo de edifício de apartamentos com planta híbrida

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

Na década de 1980, produziram-se 71 edifícios de apartamentos. Observou-se maior variação de tipologias de edifícios multifamiliares altos em Maceió, com presença marcante da tipologia de apartamentos com dormitório reversível. A tipologia de 3 dormitórios com dependência de empregada continuou a dominar o mercado maceioense, seguida pela tipologia de 2 dormitórios mais dormitório reversível. Também se observou a existência de edifícios com plantas sem dependência de empregada ou dormitório reversível, constituídos pelas tipologias de 1 e de 2 dormitórios. O restante dos edifícios distribuiu-se de maneira semelhante entre as demais variações tipológicas (Gráficos 2 e 3).

Gráfico 2: Tipologias de edifícios verticais multifamiliares de Maceió de 1980 a 1989

Fonte: Dos autores

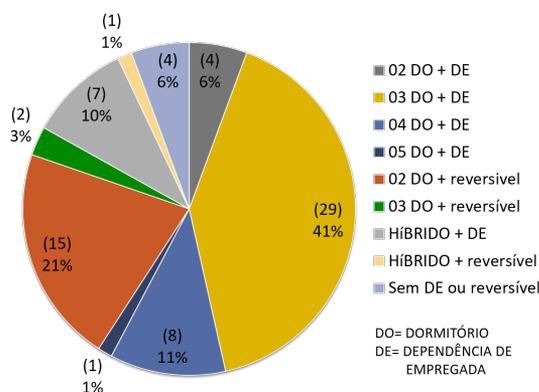
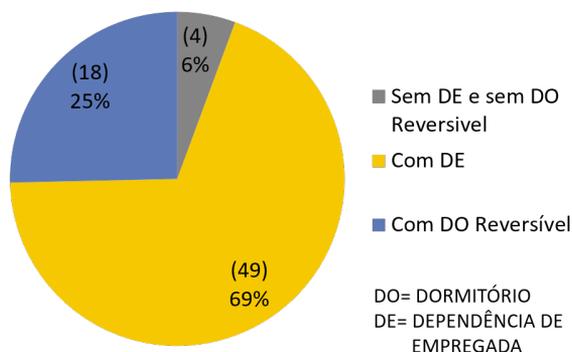


Gráfico 3: Dependência de empregada nos edifícios multifamiliares de Maceió de 1980 a 1989

Fonte: Dos autores



Na década de 1990, a produção de 128 edifícios de apartamentos foi marcada por uma redução no número de tipologias, bem como pelo aumento substancial do número de edifícios com apartamentos sem dependência de empregada ou quarto reversível em relação à década anterior, categoria essa que apresentou 25 unidades (19%) distribuídas nas tipologias de 1, 2 e 3 dormitórios. Em contrapartida, os edifícios com dependência de empregada continuaram a predominar sobre a produção desse período, seguido dos edifícios com dormitório reversível (Gráficos 4 e 5). Assim como na década anterior, a tipologia de 3 dormitórios com dependência de empregada predominou sobre a produção de edifícios multifamiliares verticais, seguido pela tipologia de 2 dormitórios com dormitório reversível.

Gráfico 4: Tipologias de edifícios verticais multifamiliares de Maceió de 1990 a 1999

Fonte: Dos autores

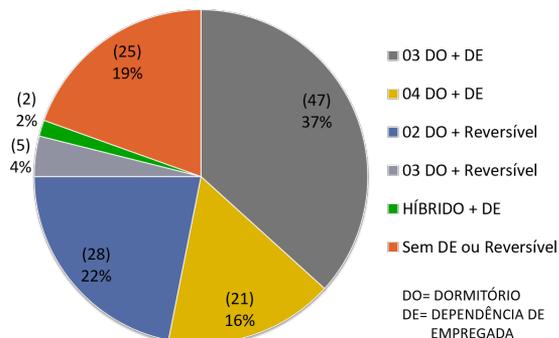
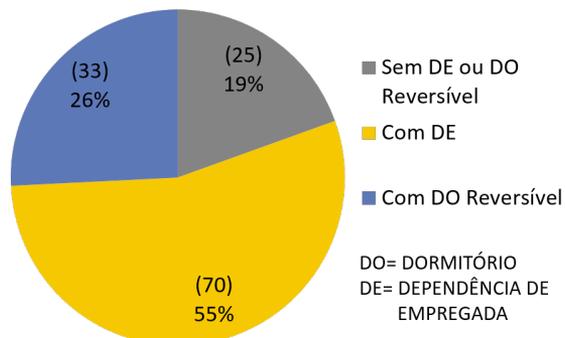


Gráfico 5: Dependência de empregada em edifícios multifamiliares de Maceió de 1990 a 1999

Fonte: Dos autores



Com base nesse banco de dados, analisaram-se as dependências de empregada dos edifícios de apartamentos desse período, por meio de cinco critérios:

- (i) as variações das tipologias dos apartamentos produzidos;
- (ii) a presença ou não da dependência de empregada e do dormitório reversível;
- (iii) a alocação da dependência na planta e formas de acesso;
- (iv) a flexibilidade de abertura da dependência para os demais ambientes;
- (v) a posição do banheiro de serviço em relação à dependência.

Neste artigo, omitem-se todos os nomes dos edifícios multifamiliares, identificando-os apenas pelo ano de aprovação pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET), da Prefeitura Municipal de Maceió.

A Trajetória da Dependência da Empregada nas Décadas de 1960 a 1990

Nas décadas de 1960 e 1970, todos os edifícios verticais multifamiliares altos construídos em Maceió apresentaram dependência de empregada no programa de necessidades, sendo essa, na maior parte dos casos, alocada no setor de serviço e com acesso somente pela cozinha e pela área de serviço; com o banheiro de serviço situado ao seu lado; sem possibilidade de acesso direto ou indireto aos setores social e íntimo; e em apartamentos com tipologia de 2 e 3 dormitórios (Figuras 3 a 6).

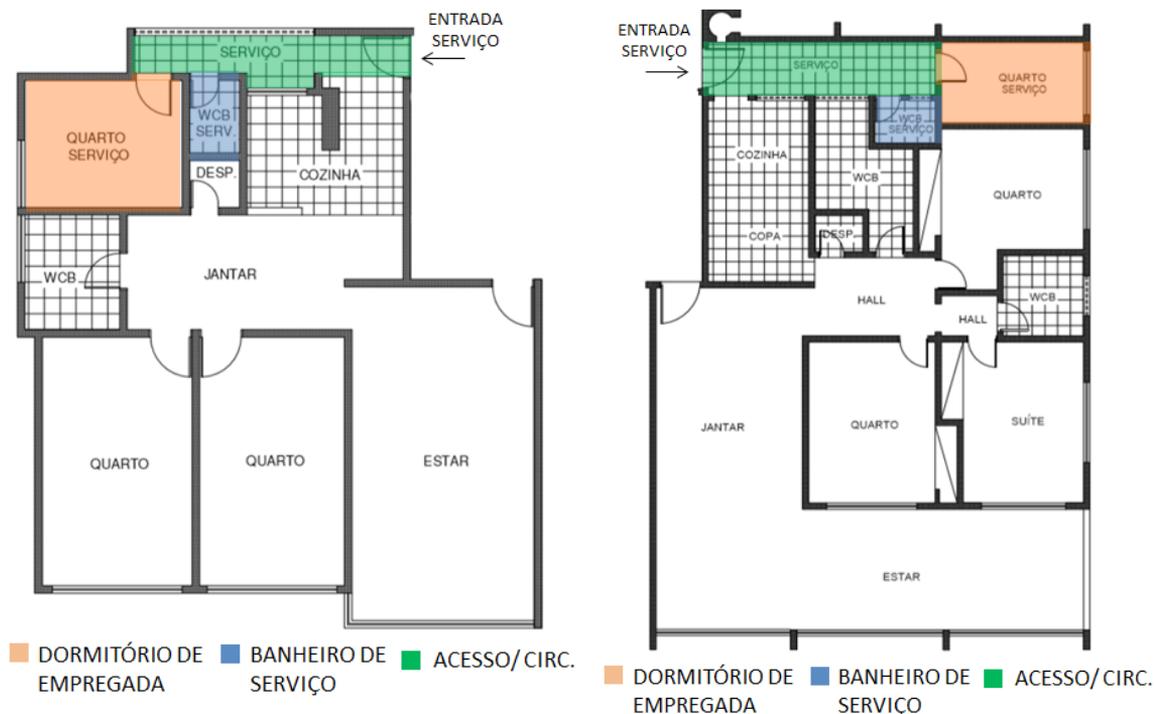


Figura 3 e 4: Planta baixa de unidade de Edifício de 1964 e Planta baixa de unidade de Edifício de 1973

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala



Figura 5 e 6: Fachada do Edifício de 1964 e Fachada do Edifício de 1973

Fonte: Banco de dados do gEPA

Na década de 1980, a dependência de empregada continua presente na maior parte dos exemplares construídos, porém já é possível observar o surgimento de edifícios com dormitório reversível (Figura 7), bem como de edifícios sem dormitório reversível e sem dependência de empregada (Figura 8). Em geral, a dependência continua a ser mantida no setor de serviço, com acesso realizado pela área de serviço, contando com banheiro de serviço (situado na maior parte dos casos no interior da mesma, ou seja, como uma suíte), e em apartamentos com tipologia de 3 dormitórios (tipologia predominante no período), conforme Figuras 9 e 10.



Figura 7 e 8: Planta baixa com quarto reversível de unidade do Edifício de 1982 e Planta baixa de unidade de Edifício de 1983A

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

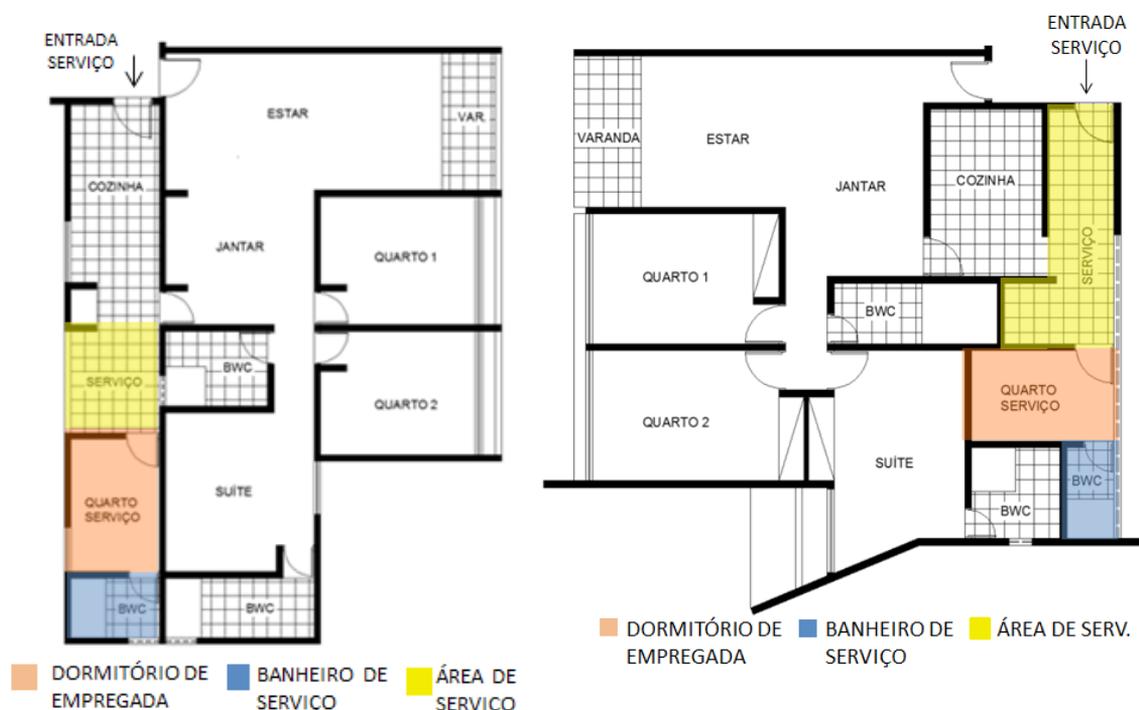


Figura 9 e 10: Planta baixa de unidade de Edifício de 1983B e Planta baixa de unidade de Edifício de 1985

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

Na década de 1990, observou-se o aumento substancial do número de edifícios com apartamentos sem dependência de empregada ou dormitório reversível em relação à década anterior. No entanto, os edifícios com dependência de empregada continuaram a predominar sobre a produção total deste período, principalmente nos edifícios das tipologias de 3 e 4 dormitórios, respectivamente (Figuras 11 e 12). Em geral, mantiveram-se as mesmas características de alocação em planta observadas nas décadas anteriores, sendo a dependência de empregada também acompanhada pelo banheiro de serviço (na maior parte dos casos, apresentando-se como suíte).



Figura 11 e 12: Planta baixa com 3 dormitórios de unidade de Edifício de 1992 e Planta baixa com 4 dormitórios de unidade de Edifício de 1990

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

A Dependência de Empregada nos Apartamentos das Décadas de 1960 e 1970

Observou-se que, do ano de 1964 até o final da década de 1970, todos os 29 edifícios multifamiliares verticais altos construídos na cidade de Maceió contavam com dependência de empregada, constituída de dormitório e banheiro de serviço. Apenas um edifício desse período não apresentou o banheiro de serviço (Figura 13). Pode-se afirmar que a tipologia de 3 dormitórios predominou sobre esta produção (66%).

Em relação à disposição da dependência de empregada nas plantas desses apartamentos, verificou-se que na maioria dos casos este ambiente foi alocado no setor de serviço e com acesso somente pela cozinha e pela área de serviço. Apenas no Edifício lançado no ano de 1978, verificou-se a existência de dependência de empregada com acesso de forma mais direta, por um hall interno ligado ao acesso externo, sem passagem pela área de serviço ou pela cozinha (Figura 14).



Figura 13 e 14: Planta baixa de unidade de Edifício de 1977 e Planta baixa de unidade de Edifício de 1978

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

A maior parte dos exemplares analisados não apresentou planta com possibilidade de flexibilidade que permitisse a abertura de um acesso direto da dependência de empregada para o setor íntimo ou para os ambientes do setor social (20 unidades – 69%), seguido pelos edifícios com possibilidade de abertura deste ambiente para o setor íntimo (04 unidades – 13,8%), para o setor social (04 unidades – 13,8%), e misto (01 unidade – 3,4%).

Observou-se que na maior parte dos edifícios, desse período, os banheiros de serviço foram dispostos ao lado das dependências (13 unidades), seguido pela alocação em forma de suíte, ou seja, quando o banheiro é alocado dentro da dependência de empregada (10 unidades), afastados da dependência (04 unidades), e nos edifícios com situação mista (01 unidade). Sendo esse último o caso dos edifícios que apresentaram mais de uma dessas disposições nos diferentes arranjos de apartamentos no pavimento-tipo.

A Dependência de Empregada nos Apartamentos da Década de 1980

Durante a década de 1980, a maior parte dos edifícios multifamiliares verticais contou com a dependência de empregada em seus programas (49 unidades, 69% da amostra total de 71 edifícios), sendo seguida pelos edifícios com dormitório reversível (18 unidades, 25%) e pelos edifícios sem dependência e sem reversível (4 unidades, 6%). Considerando apenas os edifícios com apartamentos contendo a dependência de empregada, pode-se afirmar que a tipologia de 3 dormitórios predominou sobre o conjunto (29 unidades – 59%).

Em relação ao posicionamento das dependências nas plantas dos edifícios deste período, não se observaram mudanças significativas, de maneira que esta se manteve em quase todos os casos no setor de serviço e com acesso realizado pela área de serviço (Figuras 15 e 16). As exceções foram observadas nos edifícios de 1984 e de 1988, cujas disposições das dependências de empregada nas plantas permitiram acessos mais diretos às mesmas, sem a passagem obrigatória pela área de serviço (Figuras 17 e 18). No edifício de 1989, a dependência de empregada foi alocada junto à cozinha (Figura 19).

Assim como na década anterior, a maioria dos exemplares analisados não apresentou planta com nível de flexibilidade que permitisse a abertura de um acesso direto da dependência de empregada para os ambientes do setor íntimo ou do setor social (33 unidades – 67,3%), seguido pelos edifícios com possibilidade de abertura deste ambiente para o setor social (09 unidades – 18,4%), para o setor íntimo (03 unidades – 6,1%); para o setor íntimo e social (02 unidades – 4,1%) e misto (02 unidades – 4,1%).

Todos os edifícios que apresentaram dependência de empregada ou dormitório reversível contaram com a presença do banheiro de serviço.

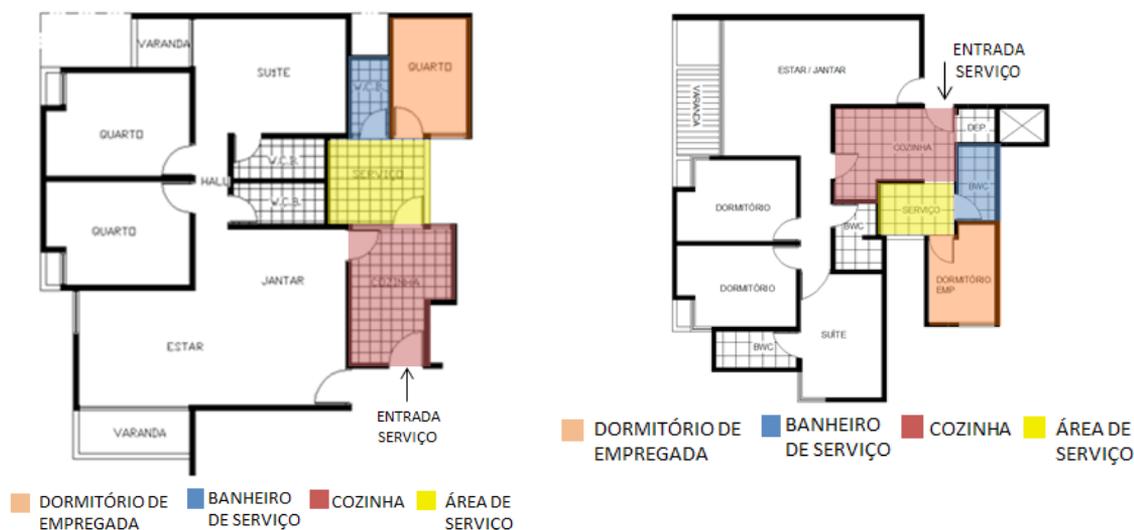


Figura 15 e 16: Planta baixa de unidade de Edifício de 1986 e Planta baixa de unidade de Edifício de 1989A

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

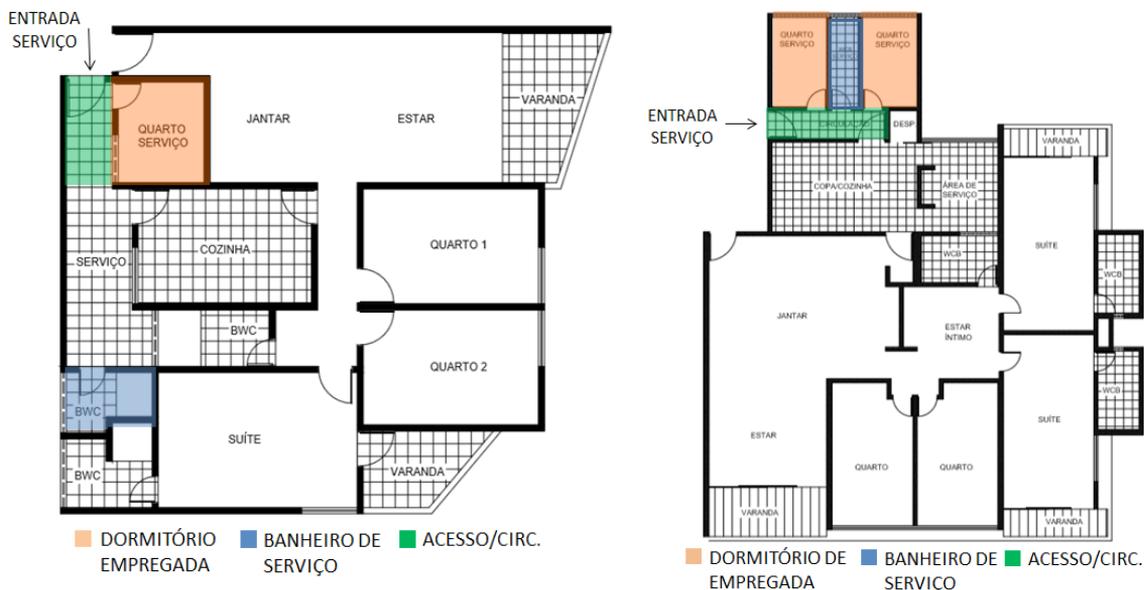


Figura 17 e 18: Planta baixa de unidade de Edifício de 1984 e Planta baixa de unidade de Edifício de 1988

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

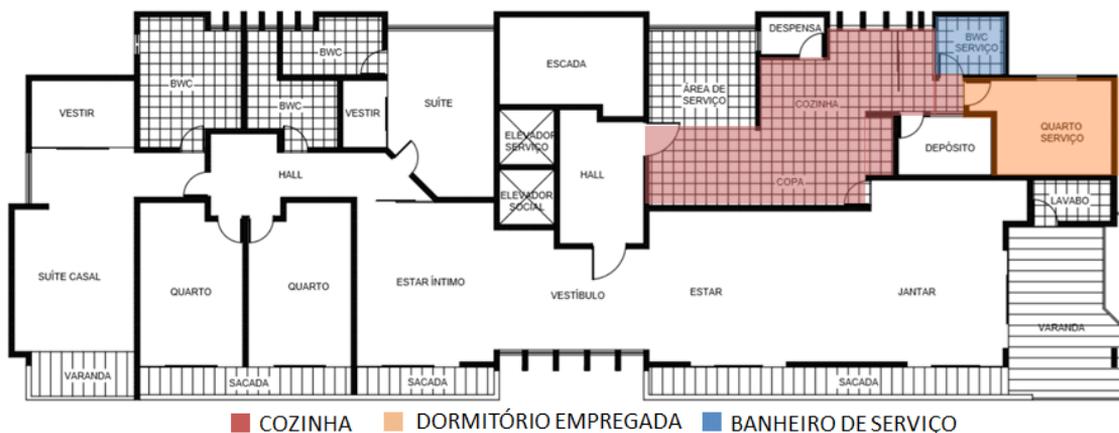


Figura 19: Planta baixa de Edifício de 1989B

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

Considerando apenas os edifícios de apartamentos com dependência de empregada (49 unidades), na maior parte dos casos, o banheiro apresentou-se disposto dentro da dependência, conformando uma suíte (16 unidades), seguido pela sua alocação ao lado da mesma (13 unidades), afastado (08 unidades), e de forma mista (12 unidades).

A Dependência de Empregada nos Apartamentos da Década de 1990

Observou-se que durante a década de 1990, os edifícios com dependência de empregada continuaram a predominar sobre a produção desse período (70 unidades – 55% da amostra total de 128 edifícios), seguido pelos edifícios com dormitório reversível (33 unidades – 26%) e pelos edifícios sem dependência e sem reversível (25 unidades, 19%). Levando em consideração apenas a amostra de edifícios com apartamentos com dependência de empregada, pode-se afirmar que a tipologia de 3 dormitórios apresentou maior ocorrência (47 unidades – 67%).

Em relação à disposição da dependência de empregada na planta, essa se manteve no setor de serviço e com acesso realizado através da área de serviço. Ademais, a maior parte dos exemplares analisados não apresentou planta com nível de flexibilidade que possibilitasse a abertura de um acesso direto da dependência de empregada para os ambientes do setor íntimo ou do setor social (53 unidades – 75,7%), conforme Figura 20; seguido pelos edifícios com possibilidade de abertura desta para ambos os setores (05 unidades – 7,2%), conforme Figura 21; possibilidade de abertura para o setor íntimo (04 unidades – 5,7%) e edifícios com plantas baixas mistas (08 unidades – 11,4%).

Todos os edifícios com dependência de empregada ou quarto reversível produzidos neste período contaram com a existência do banheiro de serviço em suas plantas, sendo este posicionado na maior parte dos casos como suíte da dependência (33 unidades), seguida pela sua disposição ao lado da mesma (18 unidades), afastado da dependência (06 unidades), e de forma mista (13 unidades).



Figura 20 e 21: Planta baixa de unidade de Edifício de 1991 e Planta baixa de unidade de Edifício de 1996

Fonte: Adaptado do banco de dados do gEPA. Sem escala

Análise Geral da Dependência de Empregada nos Edifícios Multifamiliares de Maceió de 1964 a 1999

A dependência de empregada de fato revelou presença marcante nos edifícios verticais multifamiliares altos maceioenses, uma vez que a grande maioria dos edifícios produzidos de 1964 até 1999 contou com esse ambiente (65% da produção total), conforme Gráfico 7.

No entanto, o aumento significativo de edifícios sem dependência de empregada ou dormitório reversível, assim como de edifícios com dormitório reversível, levando em consideração a produção das décadas de 1980 e 1990 (conforme Tabela 02), poderia ser reflexo da ocorrência de alterações nos hábitos da tradicional família nuclear (pai, mãe e filhos), de uma maior diversificação dos perfis familiares na cidade de Maceió ou mesmo das alterações ocorridas nos direitos dos empregados domésticos advindas da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988, dentre elas o direito ao salário mínimo nacionalmente unificado, décimo terceiro salário com base na remuneração integral e férias anuais remuneradas (BRASIL, 1988).

A inclusão desses novos direitos, e os seus possíveis impactos sobre o orçamento das famílias empregadoras, podem ter influenciado as escolhas das imobiliárias em relação à manutenção ou não da dependência de empregada nos exemplares de apartamentos produzidos a partir da década de 1990. Por outro lado, a ausência do dormitório de empregada ou a flexibilização do uso deste ambiente pelo acréscimo de uma porta para o setor íntimo, não necessariamente estariam associados à ausência da figura da empregada nos apartamentos, mas sim ao fato desta deixar de dormir no ambiente de trabalho.

	1960	1970	1980	1990	TOTAL
Edifícios sem dependência e sem dormitório reversível	0	0	4 unid. (5,6%)	25 unid. (19,5%)	29 unid. (13%)
Edifícios com dependência de empregada	2 unid. (100%)	27 unid. (100%)	49 unid. (69%)	70 unid. (54,7%)	148 unid. (65%)
Edifícios com dormitório reversível	0	0	18 unid. (25,4%)	33 unid. (25,8%)	51 unid. (22%)
TOTAL DE EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS	2	27	71	128	228

Tabela 2: Dependência de Empregada nos Edifícios de Apartamentos de Maceió construídos nas décadas 1960 a 1990

Fonte: Dos autores

Esta combinação entre ambiente de trabalho e de moradia pela empregada doméstica foi durante muito tempo considerada uma prática comum, e isto se deve, em parte, ao fato de que uma parcela significativa das mulheres contratadas para trabalhar nas residências de famílias da capital maceioense, saíam de municípios do interior alagoano em busca de uma melhor oportunidade de trabalho. No período analisado, também não eram raros os casos de empregadas que mesmo contando com residência fixa e família na cidade, dormiam na casa dos patrões durante a semana e só retornavam aos seus lares nos finais de semana. Tais situações poderiam explicar em parte o porquê da permanência da dependência de empregada por tanto tempo nas diversas tipologias de edifícios ofertados pelo mercado imobiliário em Maceió.

Ademais, observou-se que a tipologia de 3 dormitórios mais dependência de empregada predominou sobre toda a produção das quatro décadas analisadas (42%), seguida pela tipologia de 2 dormitórios mais reversível (19%), conforme Gráfico 6. Este panorama evidencia a indispensabilidade da dependência de empregada na maior parte dos projetos ofertados pelas imobiliárias nas quatro décadas analisadas.

Embora não seja possível estabelecer maiores comparações entre os resultados obtidos nesta pesquisa e os resultados dos estudos de Saleiro Filho (2001) na cidade do Rio Janeiro, e de Moraes (2017) na cidade de João Pessoa, devido às diferentes amostras e critérios de análise adotados, é possível afirmar que ambos os estudos observaram a manutenção

significativa da dependência de empregada e do quarto reversível nos edifícios de apartamentos de padrão médio, apesar de haver uma redução da necessidade do mesmo para pernoite da empregada doméstica.

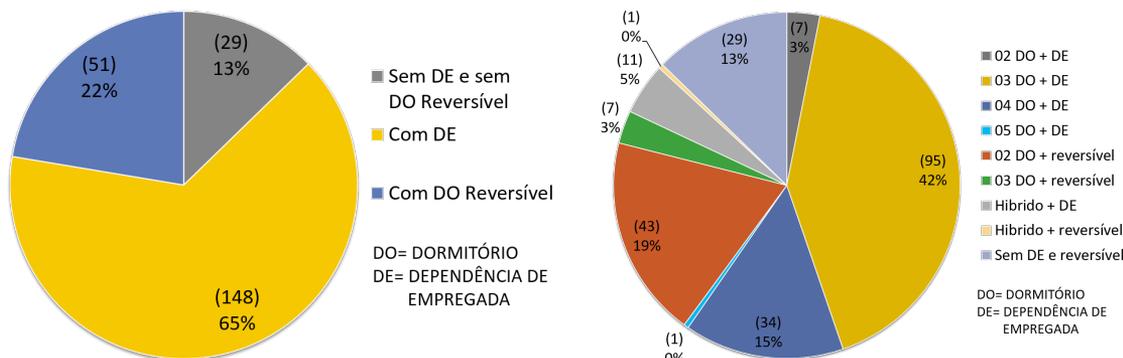


Gráfico 6 e 7: Tipologias de edifícios construídos em Maceió de 1964 a 1999 e Edifícios multifamiliares construídos em Maceió de 1964 a 1999

Fonte: Dos autores

CONCLUSÃO

Neste artigo, que teve como objetivo traçar uma trajetória da dependência de empregada nos edifícios de apartamentos construídos na cidade de Maceió/AL, nas décadas de 1960 a 1990, utilizou-se como banco de dados pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura que contabilizou 228 edifícios multifamiliares verticais altos, e analisaram-se as dependências de empregada dos edifícios de apartamentos, por meio de cinco critérios, envolvendo as tipologias dos apartamentos produzidos, a presença ou ausência da dependência, a posição da dependência na planta, a possibilidade de flexibilidade e a posição do banheiro de serviço.

A análise das plantas dos apartamentos produzidos em Maceió da década de 1960 até o final da década 1990 permite afirmar que a dependência de empregada foi, por esse longo período, elemento marcante do modo de morar da população de renda média e alta da cidade em estudo. A ampla oferta de mão de obra pouco qualificada, composta por mulheres semianalfabetas (muitas vindas de municípios pobres do interior alagoano), associada à inexistência de leis de âmbito nacional que regulamentassem a realização desta atividade foram fatores que certamente estimularam a cultura de contratação da empregada doméstica, e consequentemente incentivaram a produção e manutenção do ambiente da dependência de empregada na maior parte das plantas dos apartamentos construídos pelas imobiliárias que atuaram nessa época.

Embora a dependência de empregada tenha sido utilizada ao longo dos anos em diferentes tipologias de apartamentos, não se observaram alterações significativas em relação à sua configuração no espaço doméstico dos exemplares analisados, sendo esta mantida em geral no setor de serviço; sem possibilidade de acesso direto ou indireto para os demais setores da habitação; com porta voltada para a área de serviço e contando com a presença do banheiro de serviço.

Verifica-se que o movimento de exclusão deste ambiente dos programas de apartamentos na cidade começou a se realizar de maneira sutil a partir dos anos de 1980 – época em que foram construídos os primeiros exemplares de apartamentos com dormitório reversível; e ganhou força na década de 1990, período em que já se observou uma quantidade expressiva de apartamentos ofertados sem dependência de empregada e sem dormitório reversível.

Os resultados obtidos nesse período despertam grande interesse em

analisar a produção de edifícios de apartamentos do período seguinte (2000 a 2018), em virtude da aprovação da Emenda Constitucional nº 72 em 02 de abril 2013 (PEC das Domésticas), que poderá se viabilizar em breve, quando da conclusão do levantamento dessa vasta produção de edifícios de apartamentos em Maceió.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela bolsa, que possibilitou a realização desta pesquisa de mestrado no PPGAU/DEHA/UFAL.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Elisa Moreira. **O início da verticalização em Maceió: um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura (1960-1970)**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2012.

ANGIOLILLO, Francesca. A indulgência do filme *Que Horas Ela Volta?*, de Anna Muylaert. **Folha de São Paulo**, 20 de set. de 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/09/1683170-a-indulgencia-do-filme-que-horas-ela-volta-de-anna-muylaert.shtml>>.

ARAÚJO, Denise Castilhos de; LOPES, Poliana. *Que horas ela volta?* Percepções do discurso fílmico por blogueiras feminista do Brasil. **Ex aequo**, Lisboa, n. 36, p. 203-219, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602017000200013&lng=pt&nrm=iso>.

BARBOSA, Mariana; TOLEDO, Alexandre Márcio; SILVA, Bruno. Verticalização na cidade de Maceió: estudo de tipologias de edifícios multifamiliares (1986 a 1992). In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 4., 2015, Viçosa-MG. **Anais...** Viçosa-MG: UFV, 2015.

BARROS, Patrícia. **O mercado imobiliário em Maceió**. Maceió século XXI. Maceió: Gazeta de Alagoas. 2010.

BITTAR, William Seba Mallmann; VERÍSSIMO, Francisco Salvador. **500 anos da casa no Brasil**. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço da moradia. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BRANDÃO, Douglas Queiroz. **Diversidade e potencial de flexibilidade**

de arranjos espaciais de apartamentos. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). **Emenda Constitucional n. 72, de 02 de abril de 2013**. Brasília, 2013.

CORONATO, Marcos; MOURA, Marcelo; SEGADILHA, Bruno; PONTES, Felipe; SPINACÉ, Natália. *Por que a empregada sumiu?*. **Revista Época**, jan. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/01/por-que-em-pregada-sumiu.html>>.

COUTINHO, Marta. **O mercado imobiliário vende felicidade? Caracterização das áreas de lazer dos edifícios verticais multifamiliares em Maceió-AL (2010-2015)**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2016.

GOLDSTEIN, Donna. *The Aesthetics of Domination: Class, Culture, and the Lives of Domestic Workers*. In: **Laughter out of place: Race, Class and Sexuality in a Rio Shantytown**. Berkeley, University of California Press, 2003.

GOUSSINSKY, Eugênio. **Portugal: imóveis ganham quarto de empregada para agradar brasileiros**. Março. 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/portugal-imoveis-ganham-quarto-de-empregada-para-agradar-brasileiros-28032018>>.

GUERRA, Abílio. *A piscina e a laje*. Sobre o filme *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert. **Resenhas Online**,

São Paulo, ano 14, n. 165.05, Vitruvius, set. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.165/5712>>.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. Princípio da racionalidade e a gênese da cozinha moderna. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, v. 13, p. 124-154, June 2003.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, etc.** um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MARINHO, Bárbara Quintela Calheiros; TOLEDO, Alexandre Márcio; XAVIER, Regina do Nascimento Gomes. Análise da funcionalidade de edifícios multifamiliares de diferentes tipologias aprovados no período de 1980-1985 em Maceió/AL. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 14, 2012, Juiz de Fora - MG. **Anais...** ANTAC/UFJF, 2012.

MELLO, Bruno César Eufhrasio. E o negro na arquitetura brasileira? **Arquitextos**, São Paulo, ano 13, n. 145.01, Vitruvius, jun. 2012.

MELTEM, O. Gurel. Domestic Arrangements: The Maid's Room in the Ataköy Apartment Blocks, Istanbul, Turkey, **Journal of Architectural Education**, 66:1, pag. 115-126, 2012.

MENDONÇA FILHO, Kléber. **Recife Frio** (curta-metragem). Recife, Pernambuco, 2009.

MORAIS, Fernando de Oliveira. **O quartinho - a dependência doméstica na habitação multifamiliar na cidade de João Pessoa (PB) no século XXI**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

MUYLAERT, Anna. **Que horas ela volta?** (filme). São Paulo, Brasil, 2015.

PEIRÃO, Solange. Que horas ela volta? Só a gente que vive é que sabe. **Revista Fórum**, fev. de 2016. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2016/02/27/que-horas-ela-volta/>>.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**. vol.16 no.1 São Paulo Jan./Jun. 2008.

QUEIROGA, Louise. Alunos da UFMG repudiam projeto de disciplina "Casa Grande" que pedia área para

empregados. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/alunos-da-ufmg-repudiam-projeto-de-disciplina-casa-grande-que-pedia-area-para-empregados-21641374>>. julho, 2017.

SANTOS, Fabiane Jhoralina de Oliveira. **Edifícios multifamiliares no bairro do Farol (2000-2010)**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SALEIRO FILHO, Mario de Oliveira. **A dependência da dependência de empregado: De espaço segregado a espaço invertido?** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SCHNEIDER, Friederike. **Atlas de plantas: viviendas**. 3 ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

TRAMONTANO, Marcelo; VILLA, Simone. Apartamento metropolitano: evolução tipológica. In: Seminário História da Cidade e do Urbanismo, 2000, Natal. **Anais eletrônicos...**Natal: UFRN, 2000.

VANINI, Eduardo. Quartos de empregada doméstica geram debate sobre segregação. **O Globo**, 14 ago. 2016.

VILLA, Simone Barbosa. **Morar em apartamentos: a produção dos espaços privados e semi-privados nos edifícios ofertados pelo mercado imobiliário no século XXI em São Paulo e seus impactos na cidade de Ribeirão Preto**. Critérios para avaliação pós-ocupação. 2008. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **Apartamento metropolitano: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo**. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2002.

XAVIER, Regina do Nascimento Gomes. TOLEDO, Alexandre Márcio. O ambiente reversível: análise da flexibilidade no projeto de edifícios residenciais em Maceió/AL (1980-1985). In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 4, 2015, Viçosa-MG, **Anais...**ANTAC/UFV, 2015.

Jéssica C. Rodrigues de Lima
jessi.rodrigues90@hotmail.com

Alexandre Márcio Toledo
prof.amtoledo@gmail.com